



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia em comemoração ao Dia do Diplomata**

Palácio Itamaraty, 29 de abril de 2008

Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores,
Senhoras e senhores embaixadores estrangeiros acreditados junto ao
meu governo,

Embaixador Fernando Guimarães Reis, diretor do Instituto Rio Branco e
paraninfo da turma 2005/2007,

Meu caro orador, Thomaz Diniz Guedes,

Senhoras e senhores embaixadores,

Meus caros formandos do Instituto Rio Branco,

Senhoras e senhores,

Pela 6ª vez desde o meu primeiro mandato, venho ao Itamaraty para
celebrar a formatura de mais uma turma de diplomatas. Quero compartilhar
com vocês, com seus familiares e amigos a alegria deste momento, mas quero
também lhes transmitir um sentimento que acompanha a minha trajetória de
homem público.

A política externa, como toda atividade política, como quase tudo na
vida, é feita de razão e de emoção. Há poucos dias, retornei a Gana, em minha
8ª viagem à África, para participar da reunião da Unctad. Lá discutimos temas
importantes para o futuro do mundo, mas lá também vivi a emoção de visitar a
“Casa Brasil”, uma homenagem à comunidade dos Tabons, descendentes de
escravos retornados, que preservam em solo africano um pouco do Brasil que
seus antepassados conheceram. Foi um encontro que serviu para relembrar a
força dos vínculos que unem o Brasil ao continente africano e que devem fazer
da diplomacia essa mistura de razão e emoção que acabo de mencionar.

Inaugurei em Acra, o escritório regional da Embrapa na África. Em



breve, a Fiocruz deverá abrir uma representação em Moçambique, onde também vamos instalar uma fábrica de antiretrovirais.

Nos últimos anos, o comércio do Brasil com a África quadruplicou. Aumentaram os projetos, a recuperação e o investimento. Nosso relacionamento com a África é parte da renovação de nossa política externa. Buscamos aliar a solidariedade aos benefícios de uma relação densa nos campos político e econômico. Nessa interação, brasileiros e africanos saem ganhando.

É assim que vemos a cooperação Sul-Sul. O interesse é recíproco e as vantagens também. Estamos reforçando nosso relacionamento com os países árabes e com os parceiros da Ásia. Iniciativas como a Cúpula América do Sul/Países Árabes, a Cúpula África/América do Sul ou IBAS, que nos une à Índia e à África do Sul, são fatos novos na política internacional.

É evidente, que tudo começa aqui na nossa querida América do Sul, na nossa casa. Começa no trabalho que estamos fazendo no Mercosul e na Unasul. É o que buscamos ao intensificar as parcerias na América Central e no Caribe. Em todas essas iniciativas, temos sempre procurado favorecer, sem abrir mão dos nossos princípios, o diálogo e o entendimento.

Na recente crise entre o Equador e a Colômbia, o Brasil agiu com serenidade e firmeza para que prevalecesse a justiça e a moderação. São posturas equilibradas que, sem perder de vista o que é certo ou errado, permitem apaziguar as tensões e encontrar o caminho justo para resolver as controvérsias.

A paz e o entendimento devem guiar o projeto comum que nós, sul-americanos, queremos para a região. Para isso, temos que demonstrar maturidade política.

O Brasil sediará uma cúpula extraordinária da União de Nações Sul-Americanas. Vamos consolidar a Unasul, concluir seu acordo constitutivo e dar passos seguros na criação de um conselho de defesa sul-americano. Com



vontade política, desejo de cooperação e respeito às nossas diferenças, poderemos avançar em nossa integração.

Todos os líderes da América do Sul estão determinados a cumprir a vocação regional de viver em paz e alcançar níveis mais altos de desenvolvimento econômico e social. Só assim, teremos presença forte no mundo multipolar que está se desenhando. Nada conseguiremos sozinhos.

O mundo em que vivemos nos oferece um espetáculo paradoxal. Vemos mudança por toda parte. Novas descobertas da ciência, maravilhas da tecnologia, invenções que transformam nossas vidas e abrem perspectivas para milhões e milhões de pessoas. Mas, ao mesmo tempo, persiste a fome, a miséria, a exclusão e a desesperança. Aí está a maior ameaça à paz. Esse é o terreno propício para o surgimento dos fundamentalistas. Não basta combater as conseqüências da iniquidade, é preciso atacar as causas das desigualdades. Os frutos da globalização não podem ser privilégio de alguns. Homens e mulheres precisam, em todas as partes, perceber no seu dia-a-dia que o progresso conquistado tem reflexo na qualidade de suas vidas. Os países em desenvolvimento precisam colocar os seus problemas no centro do debate, devem participar da elaboração da agenda internacional. O Brasil está disposto a atuar sem arrogância, sem megalomania, sem pretensões hegemônicas, mas com o sentimento de que somos um grande país e que temos o que dizer ao mundo. Por essa razão, estamos presentes na estabilização do Haiti. Por essa razão, aspiramos reformar a ONU e seus mecanismos de segurança coletiva.

Tomemos um caso particular, o da crise mundial de alimentos. Alguns querem atribuí-la aos biocombustíveis. Essa é, no mínimo, uma distorção absurda. A experiência brasileira demonstrou que os biocombustíveis, além de não ameaçar a segurança alimentar, geram emprego e renda no campo e ajudam a combater o aquecimento global. Há duas semanas, tratei desse tema neste mesmo auditório, durante a conferência regional da FAO. Falei, de novo,



sobre isso na África e continuarei falando onde for preciso, porque o Brasil não pode e não deve ter medo deste debate.

Se hoje mais pessoas estão comendo, deveríamos estar comemorando. Quando lancei a ação contra a fome e a pobreza, jamais pensei que o consumo de alimentos pudesse ser utilizado como argumento contra nós. Se os países ricos desejam realmente aumentar a oferta de alimentos, por que não eliminam os subsídios que dão à sua agricultura? Isso estimulará a produção nos países mais pobres que têm mais terras, mais mão-de-obra e, agora, como ficou provado no caso do Brasil, tecnologia avançada. Espero que essa discussão tenha impacto positivo na Organização Mundial do Comércio.

Continuamos empenhados em garantir que a Rodada de Doha seja concluída o quanto antes. Tenho conversado com os líderes das principais potências mundiais sobre a OMC e outros temas globais. Com os Estados Unidos, com os países da União Européia, com qualquer outro país desenvolvido, nossa atitude é a mesma: acreditamos na negociação em base de igualdade e respeito mútuo. Temos muito a ganhar expandindo nossas relações com esses países, parceiros tradicionais no processo de desenvolvimento brasileiro.

Meus caros formandos,

Na execução da política externa, tenho a satisfação de contar sempre com a competência, o conhecimento e a dedicação dos quadros do Itamaraty. Vocês pertencem a uma carreira de Estado, portanto, são os garantes do interesse nacional. O Ministério das Relações Exteriores é uma instituição estratégica para o governo, são crescentes as demandas na frente externa, a presença e os interesses do Brasil no mundo se ampliaram enormemente. Nossa presença no mundo é parte essencial de nosso projeto nacional de desenvolvimento. Para isso, a diplomacia brasileira precisa estar à altura dos desafios, precisa dispor dos meios administrativos e orçamentários para cumprir suas funções de modo adequado. O aperfeiçoamento das atividades



do Ministério requer investimentos nas áreas de cooperação técnica, de fusão cultural, promoção comercial e proteção às comunidades brasileiras no exterior. Exige, também, como já disse aqui, no ano passado, condições dignas de representação, incluindo a construção ou a compra de imóveis próprios para nossas missões no exterior. Em meu governo, não tenho medido esforços para dotar o Itamaraty dos recursos necessários para cumprir a contento a sua missão.

Vocês, caros formandos, são privilegiados por servirem a Casa de Rio Branco. Terão a chance de trabalhar pelo Brasil. Ao engrandecer o país, vocês estarão engrandecendo a si mesmos. Mas é muito importante que a indispensável maturidade que a carreira exige não arrefeça os ideais da juventude. Todos sabem que tenho lutado por uma política de solidariedade, isso nada tem de incompatível com a defesa do interesse nacional, ao contrário. Muitas vezes, o nosso interesse de longo prazo é melhor defendido com a postura de cooperação e compreensão, assim obtemos mais resultados que pela confrontação. Não importa se nosso interlocutor é de um país grande ou pequeno, o respeito tem que ser recíproco. O Brasil procura tratar cada parceiro com a mesma atitude de concórdia, abertura ao diálogo e desejo de chegar a um denominador comum. A política externa que praticamos é sem preconceito, baseia-se em valores como a democracia, a justiça e a igualdade, é pautada por um sentimento de genuína fraternidade. Essa é a herança que nos deixou o embaixador Luiz Martins de Souza Dantas, diplomata que vocês escolheram como patrono da turma.

Quando a Europa vivia a longa noite do Nazifascismo, Souza Dantas ousou agir segundo sua consciência. Enquanto muitos se omitiram, ajudou refugiados judeus que tentavam escapar à barbárie. Mostrou coragem e dignidade, colocou o ser humano em primeiro lugar. Isso é exatamente o que o mundo de hoje precisa: mais humanidade.

Os pais, parentes e amigos dos formandos que aqui estão podem ficar



orgulhosos. Tenho certeza de que vocês, jovens diplomatas, saberão honrar esses ideais.

Meus amigos,

Minhas amigas,

Duas coisas importantes que eu queria falar para vocês no meu tradicional improviso, que tanto preocupa o meu Ministro das Relações Exteriores: eu penso que os diplomatas brasileiros sabem que o que está acontecendo no mundo de hoje e, nesse mundo, a relação do Brasil de forma prioritária para a América do Sul, América Latina e Caribe e para o continente africano tem uma razão de ser. É como se nós tivéssemos uma artéria em que a Europa e os Estados Unidos pertencessem a uma grande parte do coração e que, durante quase que um século, o sangue dessa artéria fosse irrigado apenas por essa parte do coração que tinha União Européia e os Estados Unidos. Nós agora queremos irrigar o coração todo. E por isso, estamos olhando um pouco o que vai acontecer com o continente africano nos próximos 20 ou 30 anos, ou o que vai acontecer no Caribe, na América Latina e na América do Sul nos próximos 20 ou 30 anos. Não estamos pensando apenas no agora, apenas no hoje ou apenas no amanhã, estamos pensando em duas décadas para a frente, quando certamente a África não será tão pobre como é hoje, quando certamente a América Latina não será tão pobre quanto é hoje e, certamente, quando a nossa relação com esses continentes e, sobretudo, com os países irá permitir que a gente não esteja vulnerável na nossa balança comercial, nos acordos ou nas atividades econômicas que fazemos.

Por que isso é importante? Isso é importante pelo que está acontecendo neste momento agora. Imaginem vocês se a crise imobiliária americana que está acontecendo neste momento tivesse acontecido no Brasil há 15 anos? Certamente essa crise teria resvalado no Brasil e certamente nós teríamos tido uma crise possivelmente como tivemos quando aconteceu a crise asiática. Por que dessa vez nós estamos não tão tranquilos, mas maduramente tranquilos e



assentados com o pé no chão? É exatamente por causa da política externa brasileira, é exatamente pela diversificação que nós fizemos, é exatamente pelo equilíbrio na balança comercial que conseguimos criar com a América Latina, com a África, com o Oriente Médio e com o continente asiático. Já não dependemos mais de uma potência ou de duas potências, temos produtos para vender em vários lugares do mundo e temos dinheiro para comprar em vários lugares do mundo. Isso nos dá um pouco a sensação de liberdade, isso nos dá um pouco a sensação de poder escolher os parceiros sem relegar a um segundo plano os parceiros antigos. Não. Nós sabemos a importância que têm os Estados Unidos na vida deste País. Nós sabemos a importância que tem a União Européia na vida deste País. Mas precisamos procurar novos parceiros para que a nossa relação seja mais forte ainda com os Estados Unidos e com a União Européia. Afinal de contas, quantos mais amigos nós tivermos, mais os velhos amigos vão trabalhar para não perderem a nossa amizade, para não serem tratados como se fossem secundários.

E isso nos obriga a fazer duas coisas, que eu não sei se em algum momento o Celso já comunicou a vocês. Nós, até o final do meu mandato, vamos fazer dois gestos para provar que a nossa relação com a América Latina e com a África não é apenas comercial. Estamos construindo uma universidade para a América Latina, com currículo latino-americano, com professores latino-americanos, não apenas brasileiros, e com estudantes de todo o continente.

E agora, também, vamos fazer uma universidade para os países africanos. Já tem a cidade, que é a cidade de Redenção, no Ceará, onde foi primeiro abolida a escravidão, e lá nós queremos fazer uma universidade para trazer para cá, em um primeiro momento, estudantes que pertençam aos países de língua portuguesa da África para que, junto com brasileiros, a gente possa formar os engenheiros, os agrônomos, os médicos, os gestores públicos que tanto o continente africano precisa para dar o salto de qualidade no século XXI, que ele não teve condições de dar no século XX.



E eu acho que isso significa mais uma vitória, não do nosso governo, Celso, mas da nossa diplomacia. Eu conheço um pouco da diplomacia, porque mesmo quando era oposição, eu era recebido no mundo inteiro pelos nossos diplomatas. Mas, como ser humano, eu sei a diferença de quando a gente trabalha motivado a ideais e quando a gente trabalha apenas para cumprir uma jornada de trabalho. É como um jogador de futebol. Uma coisa é aquele que corre, se mata para não deixar a bola sair fora ou para tomar a bola do adversário. O outro é aquele que bota a mão na cintura e fica esperando os 90 minutos acabarem. Eu posso dizer para vocês que eu nunca vi tanta vontade de trabalhar e tanta dedicação como eu vejo, hoje, na diplomacia brasileira, em todos os cantos do mundo.

A renovação é necessária. De tempos em tempos, nós precisamos trocar a corda do nosso cavaquinho, quanto mais trocar os nossos diplomatas que têm postos importantes pelo mundo. O Brasil certamente nunca teve a respeitabilidade que tem hoje. Mais do que respeitabilidade, o Brasil gera expectativa. Muita gente espera que o Brasil dê a última palavra em algum assunto polêmico, em qualquer lugar do mundo.

Portanto, meus caros formandos, daqui a pouco eu me vou. Daqui a pouco, o Celso Amorim se vai. E a bola está com vocês.

Boa sorte. Que Deus abençoe cada um de vocês.

(\$211A)